

# MOEDAS DE D. FERNANDO

Um quarto de barbuda da oficina monetária do Porto

PELO ENGENHEIRO J. FERRARO VAZ

Acerca das primeiras casas monetárias que funcionaram na invicta, nobre «e leal cidade, donde teve origem (como é fama) o nome eterno de Portugal» <sup>(1)</sup>, sabemos tão pouco como da sua própria história, que se perde na noite dos tempos.

Qual foi o soberano que primeiro bateu moeda no Porto; que espécie de moedas aí se bateram; e, ainda, onde funcionaram as oficinas monetárias e quem foram os seus gravadores e mais artistas?... tudo isto está sem resposta... e representa assunto cheio de interesse tanto na história geral como na história local da numismática.

Com Manuel Severim de Faria, o Porto teria sido o berço da numismática portuguesa, como consta do seu «Discurso IV» das *Notícias de Portugal* <sup>(2)</sup>; todavia tal suposição carece de fundamento, e

---

(1) *Os Lusíadas*, Canto 6.º, LII.

(2) Firmino Pereira, in *O Porto d'outros tempos* diz-nos que «no largo dos Loios, á esquina da rua de Traz, e pouco acima da albergaria de Rocamador, existiu a primeira Casa da Moeda que houve em Portugal»; e, para lhe chamar *primeira*, baseia-se principalmente na simples afirmação com que Severim de Faria abre o § XXII do Discurso IV:

«A primeira cafa de Moeda, que houve em Portugal, foi no Porto, onde os primeiros Reys defte Reyno fizeraõ bater Moeda, mandando vir Officiaes Eftrangeiros, porque os não havia no Reyno».

Em opposição, V. «*A Casa da Moeda do Porto no Sistema Monetário Português*», conferência do Senhor Professor Doutor Damião Peres», in *Boletim cultural* da Câmara Municipal do Porto, vol. XII, fascs. 3-4, 1950.

outras primazias mais prováveis se opõem, tudo se inclinando para as vetustas cidades de Braga ou de Coimbra.

Até aqui falam da sua origem, quase exclusivamente, os próprios numismas conhecidos, portadores de sinais monetários <sup>(1)</sup> ou de características que nos levam a fazer a sua atribuição; porque os documentos, escassos, pouco nos dizem que possa vir confirmar e completar a ciência adquirida na observação directa destes monumentos, principalmente dos que respeitam às primeiras épocas.

Contudo, quer-nos parecer que ainda muito haverá a exumar dos arquivos, onde uma riqueza de conhecimentos espera que alguém a queira explorar, só com a condição de o fazer com método e objectivamente. Enquanto isso não acontece e não passa de aspiração, resta-nos analisar as moedas que vão aparecendo e tentar tirar delas todo o partido possível.

É neste sentido que vamos focar uma peça cheia de interesse que o Prof. J. Leite de Vasconcelos registou na importante publicação *O Archeólogo Português*, onde há sempre que ler e aprender.

Referindo-se a uma das suas excursões de estudo, a Alcácer do Sal, diz-nos este eminente investigador <sup>(2)</sup>:

«Da epocha portugueza possui o Museu exemplares de cerâmica, e moedas. Das moedas a que mais me chamou a atenção foi uma meia-barbuda (de bolhão) que represento na fig. 7, e que, como julgo, constitue uma variedade inedita de algum merecimento:

Anverso: FER—N[AN]—DUS—REX: Cruz cortando a legenda, cantonada por quatro letras, O, T, R, P, isto é, PORT(O).

Reverso: + SI DOMINVS: MI[CH]I AJV: Celada ou *barbuda*, voltada para a esquerda, com corôa em cima, e em baixo as quinas...; á direita P (mas á esquerda não tem estrellas, como no

(1) É com D. Fernando que aparecem as letras e símbolos monetários a identificar o local da oficina criadora dos numismas.

Embora nos reinos cristãos vizinhos a moeda seja geralmente portadora do nome ou símbolo representativo da cidade onde fora batida, em Portugal só esporadicamente nos aparecem letras monetárias em duas moedas, aliás discutidas e discutíveis, anteriores à época de D. Fernando: o *morabitino de Braga* e o *dinheiro de Coimbra*, que Mestre Aragão atribui a Afonso Henriques (tomo I das *Moedas de Portugal*, Est. II, n.º 1 e pág. 143).

(2) Vol. I, 86.

exemplar descrito pelo Sr. Aragão, ou, se a tinha, desapareceu quando fizeram o furo que a moeda hoje apresenta).

...Esta moeda, apesar de eu a ter examinado rapidamente (de noite), pareceu-me *authentica*. »

É notável tal descrição ter resultado de uma análise rápida e que não tinha como finalidade o estudo das moedas, mas sim uma revisão geral de tudo que no Museu fosse digno de atenção. A única novidade que daremos ao leitor estará, afinal, na consideração do módulo e do peso e suas consequências.

Passamos imediatamente a representar a moeda em questão, para não afastar a nossa reprodução fotográfica do desenho de *O Archeólogo* (fig. 7) e, assim, se poder comparar e verificar as pequenas diferenças que existem; e, além disso, vamos pôr em relevo os elementos donde resultam as conclusões que nos propomos levar à consideração dos entendidos e que já sintetizámos no título desta notícia.

Esta gravura fixa o módulo da peça, que é de 19 mm; e o seu peso é de 0,82 gramas (com um pequeno furo e um tanto gasta).

Se aproximarmos esta fracção de *barbuda* das outras espécies afins que conhecemos e se atentarmos nos seus módulos e pesos relativos, parece não haver dúvida de estarmos perante um novo elemento da intrincada e exuberante numária do Rei Formoso — o *quarto de barbuda*.

As peças que vamos aproximar são todas do mesmo tipo, embora sejam diferentes as formas de indicação da oficina monetária do Porto, a que pertencem.

Como se vê, em todas elas aparece o escudo com a mesma inclinação e com 5 pontos em aspa, o que só se nota nas *barbudas* desta origem e das primeiras emissões <sup>(1)</sup>; e ainda, pormenor curioso, em todas há um ponto à esquerda da coroa, no anverso.

Realmente, não encontramos referências que confirmem a hipótese aventada de haver esta fracção da *barbuda*, que valeria o mesmo que um *pilarte* <sup>(2)</sup>, isto é, 7 dinheiros, conforme as reduções de valor que se

---

(1) Dizemos primeiras emissões porque encontramos o mesmo escudo nas *barbudas* desta origem com reverso idêntico ao das *dobras gentis* (Ver o n.º 17 de Aragão, est. V). Desta peça, que pertence hoje ao Ex.<sup>mo</sup> Snr. Eng.º Costa Cuvreur, há outro exemplar no Museu Municipal de Alcácer do Sal, com legenda diferente no anverso.

(2) Ou *coroados*, moeda posterior e mais simples, que viria imediatamente às primeiras cunhagens dos *quartos de barbuda* para os substituir; como os *graves* substituiriam as *meias barbudas*.

seguiram às Cortes de Lisboa de 1371; mas também isso acontece com a *meia barbuda* e outras moedas, aceites hoje sem discussão.

O que sabemos destas moedas é o que nos dizem as crónicas e a Lei de 1378, adiante referida.

Aragão, partindo dessas fontes e dos pesos dos exemplares que observou, estabeleceu a seguinte metrologia:

*Barbuda* — 53 peças em marco — 86,94 grãos (4,34 grs.);

*Meia barbuda* — 106 peças em marco — 43,47 grãos (2,17 grs.).

Daqui tira-se, por extensão:

*Quarto de barbuda* — 212 peças em marco — 21,73 grãos (1,08); metrologia a que obedece, dentro de aproximações admissíveis, a moeda do Museu Municipal de Alcácer do Sal de que nos ocupamos.

Pertencem estas peças ao tipo da «Moeda de brudas ã foy feita na cidade do porto, ã he myguoada da ley», e de «que Muyta Moeda falsa foy feita, e que foy e he metuda nos nossos Regños», a que se refere D. Fernando na lei de 8 de Fevereiro de 1378, onde ordena:

«...façam apreguoar ã do dia do preguão ataa viijº (8) dias pry-meiros seguytes venham, ou ãviem cada huũ dizer e mostrar e fazer escrever, todallas brudas que tiuerem da moeda ã foy feita no porto, ã som de cinco letras, que dizem porto por letra e nõ som breue. E os ã a esse tempo vierem trazer as ditas brudas sejamly paguadas dos diñ ã colherem das dictas talhas e fintas da vallia em ã ora esas brudas corriam e valliam... E des pois ã esta moeda meuda dos dyñ nouos ã ora correm, e seja laurada na cidade de lixboa, e do porto aa ley e peso de estes dyñ (dinheiros) nouos ã ora correm. E per façam e paguo della aos outrº vivos ã ficarõ por pagar... E ordinhamos ã este preguão e escriptura da dicta moeda se façam geralmente ã todo o regno primeiro dya dabrill ataa os viij dias primeiros segũites do dicto mes dabrill passados, que as dictas Moedas lauradas feitas no pº (Porto) das dictas cinqº letras nõ valham cousa em todo este regno.

Este passo da lei que transcrevemos <sup>(1)</sup> tem aqui grande interesse por nos ensinar que os *dinheiros* também se bateram no Porto, ainda

---

(1) Aragão, Ob. cit., t. I, 350. A lei diz «cinco letras, que dizem porto» mas só se conhecem moedas com as quatro letras PORT — talvez porque o gravador eliminasse um dos oo por sobreposição para salvar a simetria.

que não sejam portadores de letras monetárias, possivelmente por não caberem no seu diminuto campo.

A propósito, apresentamos uma questão: — quais são os *dinheiros* da oficina do Porto? — Os que têm uma arruela no reverso, entre os primeiros dois escudetes verticais: os que aparecem com a legenda AL GA RB II rodada de 45° e iniciada por GA; ou outra combinação semelhante?

Os achados locais e as investigações acerca das respectivas oficinas poderão, porventura, projectar a luz necessária para destrinçar as origens desses belos e raros numismas.

Ao fechar, apraz-nos apresentar os nossos agradecimentos ao Ex.<sup>mo</sup> Sr. António Mendês Baptista, conservador e animador do Museu Municipal de Alcácer do Sal, pela gentileza de nos ter facilitado o estudo que apresentamos; e ao Ex.<sup>mo</sup> Sr. Eng.<sup>o</sup> Paulo de Lemos, que nos facultou reproduzir duas peças da sua colecção especializada.

Porto, 25 de Julho de 1952.

#### NOTA ACERCA DA COLOCAÇÃO DAS GRAVURAS

Como é uso e correcto, as moedas são representadas dispondo na gravura o anverso seguido do reverso; e há, portanto, necessidade de fornecer a tais vocábulos uma definição diferenciadora, além do simples sentido de oposição.

Os dicionários ensinam que *anverso* (ou obverso) é a face principal, «a face da medalha que tem a effigie ou o emblema» (João de Deus); ou «face de moeda ou medalha que traz a effigie, vulgarmente chamada *cara*. A outra face é o *reverso*» (G. Enciclopédia Portuguesa e Brasileira).

Mas, enquanto há moedas que não oferecem dúvidas, visto uma das faces impor a primazia, outras há que necessitam ser analisadas sob vários aspectos para se encontrar uma solução satisfatória, que sirva a todas as suas variantes.

Analizemos o caso actual das *barbudadas* à luz da definição numismática de anverso.

«Du côté de l'avvers se trouve en général la tête d'un prince ou d'une divinité, ou d'un grand homme» (*Numismatique Générale* de J. Lefebvre).

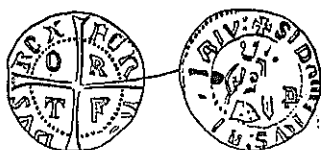
«L'avvers (est) consacré à recevoir la tête du souverain, ou de la divinité tutélaire de la ville ou de la nation» (*Numismatique Ancienne* de J. B. A. A. Barthelemy).

A estas condições obedece a face da *barbuda* que ostenta a *celada* coroada. E o facto de o nome do rei aparecer geralmente na outra face não dará razão bastante para remeter a *celada* para o reverso, demais que em certos exemplares ela é acompanhada do nome do rei, que chega mesmo a aparecer nas duas faces.

Se esta característica — nome — determinasse o anverso, este oscilaria duma face para a outra ou ficaria indeterminado, estabelecendo a confusão e dificultando as descrições.

A figura determinante da *barbuda* é, sem dúvida, a *celada* que, estando coroada, representa o príncipe reinante. Além disso a letra monetária, acompanhando tal representação, obedece à regra geral e confirma, portanto, a escolha do anverso.

Salvo raríssimas excepções assim acontece em toda a numária; a menos que a letra se desdobre e vá ornamentar a moeda no reverso, como acontece em determinadas espécies com cruz de Cristo, a partir da Restauração.



(Fig. 7)



Reprodução fotográfica da moeda  
acima desenhada com a indicação  
de fig. 7.



**Barbuda**  
módulo = 27 mm  
peso = 3,50 gramas

**Meia barbuda**  
módulo = 22 mm  
peso = 2,00 gramas



**Quarto de barbuda**  
módulo = 19 mm  
peso = 0,82 gramas

